

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

SÉRIE CADERNOS ECONÔMICOS

Honestidade Acadêmica e Plágio: Observações Importantes

Texto didático n.8

Autor: Claudio Djissey Shikida

PELOTAS
Junho 2016

*Honestidade Acadêmica e Plágio: Observações
Importantes*

**Documento preparado por
Cláudio Djissey Shikida**

Esta versão: 01/06/2016

Versões anteriores: 25/05/2016, 27/06/2005

Honestidade Acadêmica e Plágio¹

Cláudio Djissey Shikida

Introdução: Honestidade Acadêmica para que?

O que é honestidade acadêmica? O nome já nos dá uma pista, certo? Todo mundo tem uma idéia do que é ser honesto. Você chega em casa e normalmente ouve algum parente seu se lamentar da falta de honestidade de políticos. E o que dizer de gente que rouba o trabalho do outro no escritório²?

Não é meu objetivo, neste texto, convencê-lo da imoralidade que acompanha a falta de honestidade. Não me parece que apelar para sua boa vontade possa fazer com que você mude seu comportamento. Claro que uma sociedade com indivíduos que prezem a honestidade como um valor em si mesmo é melhor que uma em que o comportamento honesto deve ser obtido através de leis. Entretanto, esta é uma escolha pessoal sobre a qual não tenho qualquer poder³.

Mas vamos aos fatos. Esta instituição possui regras que não devem ser desrespeitadas e uma delas diz respeito à honestidade acadêmica. Conforme sua universidade, existe um “manual do aluno” geralmente fornecido aos estudantes em sua entrada no curso superior e que geralmente dedica alguns parágrafos à idéia de “comportamento honesto”, na visão da instituição. Caso você não tenha um manual destes, considere as definições mais comuns deste comportamento:

1. O estudante não deve apresentar um trabalho que não seja uma criação original sua;

¹ Agradeço os comentários do prof. Carlos Pio (UnB) e do prof. Leonardo M. Monastério (IPEA). Eventuais erros ou omissões quanto às suas sugestões são de minha total e única responsabilidade.

² Algumas vezes a “Honestidade Acadêmica” é chamada de “Integridade Acadêmica”. Ver por exemplo, o documento da Cornell University citado adiante.

³ A versão anterior deste texto era de 2005. Estamos em 2016 e, agora, posso dizer que até mesmo este tema (não o plágio, mas a questão da sociedade e do contrato social relativo a diferentes tipos de grupos de indivíduos) é alvo de interesse investigativo de economistas (com a geração de modelos teóricos interessantes e estudos empíricos instigantes). Um texto mais técnico, mas interessante sobre o tema é o de João R. Faria: *Is There An Optimal Constitution*, publicado no *Constitutional Political Economy* de 1999 (vol.10, p.177-184). Para não tornar estas notas muito mais extensas, não haverá uma seção de referências bibliográficas.

2. O estudante não deve buscar meios fraudulentos de ser aprovado nas disciplinas do curso;

3. O estudante deve recusar participar de arranjos ilegais e fraudulentos de outros estudantes que resultem em fraude acadêmica;

4. O estudante não deve jamais, de forma alguma, violar o código de integridade acadêmica da faculdade⁴.

São exemplos de conduta que desrespeitam estas normas:

i. O uso ou a tentativa de uso de materiais não autorizados, informações ou ajudas de outros indivíduos não autorizados em avaliações acadêmicas.

Algumas faculdades recomendam: (i) que os professores e tutores (monitores) sejam explícitos e encorajadores na comunicação desta regra aos alunos; (ii) que os estudantes reconheçam, no início de qualquer exame, que estão proibidos de usar qualquer assistência externa como: livros, notas de aula, calculadoras, conversas com outros estudantes; (iii) que os estudantes não devem conduzir pesquisa de textos para trabalhos da disciplina sem autorização prévia do professor (isto pode incluir, embora não necessariamente, documentos obtidos através de empresas que os comercializem); (iv) que trabalhos/documentos apresentados em uma disciplina não devem ser apresentados em outras disciplina, independentemente do semestre, sem autorização prévia dos professores das disciplinas em questão, em conjunto; (v) que a venda/compra de documentos como anotações individuais de aula ou trabalhos é proibida podendo o aluno ser punido com a perda de pontos.

⁴ A listagem dos tópicos é uma tradução livre de Cornell (2000). O texto é um documento da direção da Cornell University, chamado: *The Code of Academic Integrity and Acknowledging The Work Of Others*. Disponível em: <http://web.cornell.edu/UniversityFaculty/docs/AI.Acknow.pdf>. Acesso em 20.06.2005. Outra dica: <https://en.wikipedia.org/wiki/Plagiarism>. Um tópico que também é importante e deve ser evitado é o auto-plágio. Um guia didático está aqui: <http://www.du.ac.in/du/uploads/research/06122014ithenticate-selfplagiarism.pdf> (Acesso em 25/05/2016). Outro caso famoso foi o da (ex-?)ministra da defesa da Alemanha (<http://www.bbc.com/news/world-europe-34376563>). Vale a pena se preocupar com auto-plágio. A carreira do talentoso Bruno Frey foi prejudicada por isto (<http://olafstorbeck.blogstrasse2.de/?p=949>). Uma nota pessoal: o texto de João R. Faria citado em uma das notas de rodapé anteriores é baseado em uma das muitas intuições interessantes que Frey teve. Acho que já deu para notar a importância de não se cometer plágio, não?

ii. Fabricação de dados⁵.

É ilegal “inventar” dados para trabalhos acadêmicos sem autorização prévia do professor. É necessário, sempre, citar a fonte dos dados utilizados de maneira idônea. Alterar para fins de resubmissão trabalhos acadêmicos já entregues pelo professor viola este item. Por exemplo: tentativas de fraudar a nota já divulgada.

iii. Plágio

Apresentar como suas as idéias de outros em exercícios acadêmicos é ilegal. Alguns exemplos: (i) incluir o nome de um aluno em um trabalho a ser entregue quando o mesmo não teve qualquer participação no trabalho; (ii) incorporar idéias alheias ou parte de idéias alheias como suas; (iii) incorporar figuras, fotos, gráficos, tabelas, pinturas, desenhos, esculturas e outros objetos similares como sendo seus sem a adequada citação das fontes.

Um exemplo comum de plágio é a paráfrase. Define-se paráfrase, de forma simples, como a expressão das idéias de outrem com suas próprias palavras. Fazemos isto o dia todo quando conversamos sobre notícias ou sobre idéias que ouvimos em entrevistas de TV. Claro que é fácil, nestes casos, saber de onde vem a informação pois as pessoas conversam entre si sobre futebol e alguém pergunta: “de onde você ouviu isto”?

O fato é que uma coisa é a conversa do dia-a-dia. Outra é a redação científica. E, ainda assim, sabemos que um colega é ou não confiável quando o mesmo não consegue citar a fonte de alguma informação importante que acaba de transmitir.

Como evitar este erro grave? Vejamos alguns exemplos.

⁵ Quem acompanha o debate sobre liberação de porte de armas conhece os tristes episódios que marcaram ambos os lados do debate, envolvendo acusações de fabricação de dados (do lado pró-armas, John Lott Jr e, do lado oposto, Michael Bellesilles). Um resumo do episódio envolvendo Bellesilles encontra-se aqui: <https://reason.com/archives/2003/03/01/disarming-history>. O caso de Lott é extensamente relatado aqui: <http://www.armedwithreason.com/shooting-down-the-gun-lobbys-favorite-academic-a-lott-of-lies/>. Também foi famoso o episódio envolvendo cientistas envolvidos com o debate sobre aquecimento global (<http://volokh.com/2010/02/02/are-climategate-scientists-in-the-clear/>).

Aprendendo para não fazer igual!

O mais simples exemplo de plágio (e cada vez menos praticado) é a citação direta. Vejamos este texto de Fajzyber & Araujo Jr (2001), sem página⁶:

Cabe notar que, no caso de crimes contra a propriedade, a utilidade associada aos ganhos do crime é derivada diretamente do valor monetário dos ativos subtraídos às vítimas: quantos mais abastadas sejam estas últimas maiores os ganhos do crime. No caso dos crimes “sem vítimas” – drogas, prostituição, jogo ilegal – o “loot” também é de ordem monetária e aumenta com a riqueza dos “clientes”.

Veja como é a citação direta:

Cabe notar que, no caso de crimes contra a propriedade, a utilidade associada aos ganhos do crime é derivada diretamente do valor monetário dos ativos subtraídos às vítimas: quantos mais abastadas sejam estas últimas maiores os ganhos do crime. No caso dos crimes “sem vítimas” – drogas, prostituição, jogo ilegal – o “loot” também é de ordem monetária e aumenta com a riqueza dos “clientes”.

Óbvio, não? Trata-se de uma cópia simples e direta. Não é à toa que, mesmo, na era da internet, este plágio seja menos comum, já que é muito fácil detectá-lo⁷.

Outras práticas de plágio similares consistem em mistura de textos e/ou cortes de trechos de textos. Por exemplo, em Birchall (2004, p.5)⁸:

À medida que empresas estrangeiras penetravam em várias indústrias novas nas décadas de 30 e 40, alguns grupos nacionais começaram a diversificar suas atividades, competindo diretamente com elas - como o alumínio e o aço, por exemplo. À medida que os brasileiros entravam em indústrias onde competiam com estrangeiros, a penetração estrangeira nas indústrias tradicionais também aumentava. Em alguns casos, o resultado foi o deslocamento do capital nacional pelo capital estrangeiro, como no caso da indústria de vidros, aonde a imposição de tarifas protecionistas durante a 2ª Guerra Mundial aumentou o interesse estrangeiro pela indústria e resultou na desnacionalização e no afastamento de grupos nacionais pelos grupos estrangeiros. As empresas nacionais foram pioneiras na expansão de algumas indústrias e continuaram a dominá-las na década de 1970; outras indústrias foram criadas por grupos estrangeiros e o capital nacional nunca conseguiu penetrar nesses setores.

⁶ Referência completa do texto original: <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20167.pdf>

⁷ Ainda assim, ocorre com frequência porque muitos plagiadores não são tão espertos quanto imaginam.

⁸ Referência do texto original: <http://www.ceae.ibmecmg.br/wp/wp8.pdf> (talvez este link não esteja mais disponível).

Um plagiador típico, neste caso, faria algo como o que se apresenta abaixo:

[OMISSÃO DO SEGUINTE: À medida que empresas estrangeiras penetravam em várias indústrias novas nas décadas de 30 e 40,] [ALTERAÇÃO, AQUI, PARA Alguns, SIMULANDO INÍCIO DE FRASE] alguns grupos nacionais começaram a diversificar suas atividades, competindo diretamente com elas - como o alumínio e o aço, por exemplo. [OMISSÃO DO SEGUINTE: **À medida que os brasileiros entravam em indústrias onde competiam com estrangeiros, a penetração estrangeira nas indústrias tradicionais também aumentava**]. Em alguns casos, o resultado foi o deslocamento do capital nacional pelo capital estrangeiro, como no caso da indústria de vidros, aonde a imposição de tarifas protecionistas durante a 2ª Guerra Mundial aumentou o interesse estrangeiro pela indústria e resultou na desnacionalização e no afastamento de grupos nacionais pelos grupos estrangeiros. As empresas nacionais foram pioneiras na expansão de algumas indústrias e continuaram a dominá-las na década de 1970; outras indústrias foram criadas por grupos estrangeiros e o capital nacional nunca conseguiu penetrar nesses setores.

Também é plágio transformar trechos do texto acima em rodapé. Ou seja, a prática desonesta, aqui, consiste em “retalhar” o texto acima, num esforço de esconder o plágio espalhando trechos do texto plagiado em diversos lugares do texto⁹.

Transformar tabelas de um texto em gráfico como se fosse criação do estudante (e não do autor do texto que contém a tabela) também é plágio. Cópias e/ou traduções sem o devido reconhecimento de textos (inclua sempre a internet quando ler este documento...) também é plágio.

Outra modalidade de plágio - talvez a mais praticada - é a paráfrase (também conhecida como “Mosaico”). Paráfrase, de modo mais amplo, pode não ser plágio. Como saber a diferença? Vejamos um exemplo com o texto abaixo, que é um resumo do artigo “Incidência tributária e estrutura de mercado”, do prof. Delso Moraes da Silva, publicado na Revista de Economia e Administração em seu volume 2, número 4 (<http://www.insper.edu.br/pesquisa/revista-de-economia-e-administracao/vol-2-n-4/>).

Resumo

A incidência de imposto indireto apresenta particularidades e semelhanças quando

⁹ Em casos extremos, já conhecidos no meio acadêmico, o aluno copia, digamos, três parágrafos subsequentes e os espalha em diferentes capítulos do seu próprio trabalho.

comparadas às de ações oriundas de decisões de agentes operando em mercados imperfeitos. Este estudo tem como base a idéia de que a análise da equivalência de resultados produzidos pela incidência de impostos em um mercado perfeitamente competitivo com fins de maximização da renda tributária, com aqueles promovidos pela busca do lucro máximo em um mercado imperfeito, constituído de um monopsonista-monopolista açambarcando o mercado de competição perfeita. Em sua avaliação final, este estudo procura estabelecer um confronto entre os aspectos teóricos da tributação indireta e a estrutura da arrecadação tributária na economia brasileira na última década.

Plágio

Impostos indiretos são similares quando pensamos nos indivíduos agindo em estruturas imperfeitas de mercado. Esta monografia tem como base a idéia de que a análise da equivalência de resultados sob incidência de impostos em um mercado competitivo perfeito, com fins de maximização de renda tributária, vis-a-vis os promovidos pela busca do lucro máximo em um mercado perfeito. Em sua avaliação final, este estudo procura estabelecer um confronto entre os aspectos teóricos da tributação indireta e a estrutura de arrecadação tributária na economia brasileira na última década.

Trata-se de plágio pois: (i) Algumas frases/palavras foram alteradas (poderia ocorrer inversão de ordem das frases/palavras) e (ii) não se reconhece a fonte original.

Ah sim, note que a paráfrase **não seria um plágio** no seguinte caso:

O estudo dos impostos indiretos e da ação econômica individual em mercados imperfeitos foi comparado com resultados obtidos sob a hipótese de mercados imperfeitos em recente texto (Silva 2003) do qual podemos tirar algumas conclusões interessantes sobre a economia brasileira.

Neste trecho, a paráfrase não constitui plágio porque (i) o autor do trecho reconhece a fonte original e (ii) usa suas próprias palavras e frases, inspirando-se no texto original apenas.

Outro tipo de plágio consiste em citar incorretamente um autor. Por exemplo, suponha que se queira citar o seguinte trecho, de um texto de Alberto Oliva¹⁰:

A sociedade que almeja conter o avanço da corrupção precisa criar mecanismos que impeçam o governo de gastar sem racionalidade e de impor uma carga tributária escravizadora. A bandalha com o dinheiro público começa quando a sociedade aceita pagar todas as contas que o governo lhe apresenta.

Suponha que o aluno escreva algo como o trecho a seguir.

¹⁰ O trecho foi retirado de: http://www.rplib.com.br/artigos_detalhes.asp?cod_finalidade=3&cod_texto=2047.

Conforme podemos ver, a sociedade que almeja conter o avanço da corrupção precisa criar mecanismos que impeçam o governo de gastar sem racionalidade e de impor uma carga tributária escravizadora. A bandalha com o dinheiro público começa quando a sociedade aceita pagar todas as contas que o governo lhe apresenta. Isto é um problema sério para o país, principalmente se consideramos o ambiente financeiro atual neste século XXI.

Há dois problema aqui: (i) o aluno falhou seriamente em citar o autor original além de (ii) iniciar a construção de um “mosaico” (que poderia ficar mais grave na medida em que ele copiasse e colasse outros trechos em meio/antes/depois ao (do) texto acima, sem o devido reconhecimento do autor). Uma saída é usar a citação. Há diversas formas de citação possíveis e o aluno deve se reportar às regras de seu curso (geralmente segue-se alguma norma como a de algum periódico científico ou as normas da ABNT¹¹) para se precaver contra este tipo de erro. Diga-se de passagem, esta é a melhor saída para o problema do plágio, conforme já dissemos acima.

Usar o sumário/introdução de alguém também é plágio. Embora não seja nosso objetivo, aqui, falar de como escrever bem um texto, McCloskey, em seu recente livro sobre estilo em artigos de economia, recomenda que novos economistas deixem de lado a redundância de dizer: “na seção ii, tem-se a introdução, na seção iii, o modelo, etc”. Por que? Porque é redundante. O título das seções deve ser auto-explicativo e o leitor não precisa perder tempo lendo um “mapa” do que verá. Apenas coloque a sinalização ao longo do caminho¹².

Como já foi dito acima, o comércio de textos não é aceito. Assim, comprar textos e usá-los como seu é um erro. A legislação brasileira, aparentemente, não proíbe a compra de textos alheios, o que nos parece um erro¹³. Desta forma, embora você possa comprar textos de outras pessoas físicas ou jurídicas, geralmente (ou melhor, juridicamente) entende-se que seu uso dos

¹¹ O pessoal da Biblioteca Karl A. Boedecker, da FGV-SP presta um grande serviço ao disponibilizar seu resumo destas regras. Da última vez que consultei (01/06/2015), o excelente material estava aqui. http://sistema.bibliotecas-sp.fgv.br/bkab_normalizacao.

¹² McCloskey (2000, p.37). Referência: McCloskey, D. N. (2000). *Economical Writing*. Illinois, Waveland Press. Segunda edição.

¹³ O autor deste documento conversou com diversos pares e agradece ao prof. Carlos Pio, do Departamento de Relações Internacionais da UnB por este esclarecimento.

mesmos é errado. Afinal, neste caso, a autoria do texto não é sua, certo? Logo, usar trechos ou mesmo todo o texto como sendo seu é plágio. Geralmente, as faculdades não recomendam, em hipótese alguma, a compra de trabalhos para estes fins¹⁴.

O que fazer, então? Fácil! Seja você mesmo!

Lembre-se: usar o trabalho de alguém pode ser encarado como um ato de respeito de sua parte, mas somente se propriamente citado segundo as regras da academia. Não fazer isto é incorrer em falta grave. Ou seja, você deve sempre citar as fontes de suas idéias. É claro que um texto pode ficar esteticamente feio ou “carregado” para leitura com tantos rodapés ou citações. Mas apenas a leitura de diversos textos sobre um mesmo assunto pode fazer com que você desenvolva seu próprio estilo literário.

Alguns aconselham que você comece com uma folha em branco e com suas idéias apenas. Isto faz com que você desenvolva conexões mentais próprias entre conceitos que, depois, podem ser confrontados com os trabalhos de especialistas na área.

Estudantes podem cometer plágios por desonestidade intelectual ou desconhecimento. Entretanto, ambas as causas não anulam o fato de que o plágio é prática a ser evitada a todo o custo. Aqueles que têm dificuldades em redigir um texto devem procurar auxílio junto a professores e/ou leitura de bons textos. Aqueles que se atrasam na entrega de trabalhos e recorrem ao plágio estão se igualando aos que simplesmente desrespeitam as regras em quaisquer circunstâncias. E todos serão igualmente punidos. A conclusão é a de sempre: não cometa plágio.

Um trabalho escolar - verse ele sobre um tópico específico de uma disciplina ou uma monografia, dissertação ou projeto de pesquisa - deve, sim, ser redigido com esmero. O grau de conhecimento do estudante é avaliado não apenas por sua genialidade, mas também por

¹⁴ Sua faculdade provavelmente possui uma biblioteca. Consultá-la, aliás, é quase sinônimo de boa prática acadêmica.

sua capacidade de “jogar dentro das regras da ciência”. Não se lembrar disto é se submeter a um processo penoso e, às vezes jurídico, com consequências indesejáveis para todos.

Como os professores podem ajudar?

Ao contrário do que pensam muitos alunos (e mesmo professores), o plágio não é penalidade exclusiva de monografias ou projetos de pesquisa. Qualquer trabalho escolar – desde uma simples resposta em prova até uma apresentação em sala – está sujeito às regras do trabalho científico.

A universidade (ou faculdade), seja ela privada, semi-pública ou pública, é um local de produção de conhecimento científico, em primeiro lugar. Logo, qualquer tarefa feita por alunos que não siga as normas de honestidade acadêmica – o plágio incluso – incorre em falta.

Alguns argumentam que: “... se eu tenho uma turma de cinquenta alunos, como farei para coibir o plágio”?

Uma resposta óbvia é buscar formas de avaliação que minimizem o problema. Se, por exemplo, o professor recolhe cinquenta trabalhos individuais, deverá recorrer a mecanismos de busca os mais diversos possíveis para checar os trabalhos. Checagem aleatória, neste caso, é uma forma pouco feliz de construir sólidos valores morais em alunos. Por isto recomenda-se que o professor use sua criatividade ou recorra aos exames escritos. Caso o plágio seja comprovado, o professor deve providenciar a documentação que o comprove para eventuais esclarecimentos com o aluno e a direção da faculdade, bem como para eventuais registros acadêmicos.

Outro argumento comum utilizado por professores para não se esforçarem tanto na coibição do plágio (provavelmente mais comum em países marcados por altos graus de corrupção) é: “... mas se todo mundo desrespeita os direitos autorais, porque não deixar isto para lá”?

Aqui há dois argumentos: o moral e o pragmático. Em termos morais, não é difícil lembrar ao professor que um erro não justifica o outro. Em termos pragmáticos, lembre-se que a faculdade concorre em um mercado educacional que oferta o *serviço* educação¹⁵. A concorrência pode nivelar o mercado em dois nichos: baixa e alta qualidade. Em parte, isto depende do que a direção da faculdade entende por sua missão. No caso desta faculdade, a opção é por uma alta qualidade de ensino.

Embora haja alguma discordância sobre o que seja uma “alta” qualidade de ensino¹⁶, não é difícil perceber que ela envolve uma certa *reputação*. Se você, professor, acha que o “mercado é quem decide se o profissional é bom ou não”, então está pensando apenas em uma parte do problema.

O mercado recebe os insumos – “força de trabalho” – que nós, educadores, capacitamos. Logo, o mercado apenas decide *após* nosso trabalho. Neste sentido, o compromisso *dos professores* com o florescimento de valores moralmente adequados em alunos é uma etapa importante na construção de uma sociedade próspera. Caso o professor se ache inseguro quanto a isto, deve consultar a direção de seu curso, faculdade ou universidade acerca das normas relativas à honestidade acadêmica.

Finalmente, um argumento menos comum entre professores se baseia na própria descrença do mesmo relativamente à sua função em uma faculdade. Fala-se de “mercantilização do ensino” em faculdades privadas. Não é preciso pensar muito sobre isto para ver que não é este o problema: serviços de saúde são trocados no mercado por dinheiro tanto como educação,

¹⁵ Consulte um advogado para entender melhor este ponto, se for o caso. A diferença entre “bens” e “serviços” é o que, legalmente, não permite a um aluno “comprar um diploma”.

¹⁶ Muitos alunos de Economia supõem que exista um suposto dilema (eu diria: pseudo-dilema) entre “muita matemática” e “pouca matemática” ao discutirem a “qualidade” do curso. Nada disso importa. O importante é se a formação do economista lhe permite ser um indivíduo criativo (e portanto, produtivo), que saiba agir conforme as regras do jogo (e, portanto, disciplinado sem ser submisso, o que é algo completamente diferente) ao longo de sua carreira. Muita matemática, tanto quanto muita verbosidade, podem ser sinônimos de mediocridade. Faz parte, é correto, do aprendizado, que se verifique altos níveis de ignorância sobre temas e os alunos devem ser sempre orientados acerca da honestidade acadêmica *ao longo das disciplinas*, não apenas na confecção de seu trabalho de conclusão. Simples assim.

laranjas, automóveis, shows culturais, etc¹⁷. Quanto menor o cuidado com a integridade acadêmica dos alunos, mais a escola sinaliza ao mercado que não lhe fornecerá alunos de alta qualidade¹⁸.

Independente destes argumentos é aconselhável que os professores adotem uma postura construtiva com relação ao problema. Caso haja suspeita de plágio, procure conversar com outros professores sobre o aluno. Verifique se o comportamento é recorrente em seu histórico escolar, tenha sempre em mente que aqueles que cometem plágio propositalmente nem sempre contam uma versão isenta dos fatos.

Como os funcionários da faculdade podem ajudar?

Funcionários são tão importantes neste processo quanto professores ou alunos. Todos estamos interessados em que a faculdade tenha seu nome valorizado no mercado, principalmente se sua instituição for privada. Para os funcionários e professores isto é sinônimo de emprego e, para alunos, a boa reputação da faculdade sinaliza ao mercado que sua formação é de alta qualidade.

Portanto funcionários podem ajudar nesta tarefa aconselhando alunos e evitando a omissão em casos de flagrante desrespeito às regras da faculdade, dentro de sua área de atuação.

Funcionários da biblioteca podem ajudar instruindo os alunos a conhecer os benefícios derivados das boas regras da honestidade acadêmica e, particularmente, fazendo-os sentir-se à vontade para citar corretamente trabalhos de terceiros.

Finalmente...

¹⁷ Será preciso lembrar que o mercado é o *locus* da troca e que isto, numa abordagem mais ampla, rendeu Nobel a economistas como Becker (discriminação racial, casamento e divórcio) e Buchanan (política enquanto um tipo imperfeito de mercado)?

¹⁸ Esta discussão poderia seguir com um pouco mais de sofisticação teórica (envolvendo argumentos sobre o famoso *Market for lemons*, por exemplo), mas é suficiente lembrar que, no mundo real, a boa reputação é um ativo importante para indivíduos em uma economia de mercado. Escolas privadas que fecham os olhos para práticas como o “plágio” não sofrem apenas com a propaganda ruim, mas também podem arcar com elevados custos financeiros derivados de processos legais nada agradáveis...

Para concluir, o melhor a se fazer agora é reler este documento atentamente e procurar outras referências sobre o tema. Ao final, você estará ciente do problema gerado pela falta de integridade acadêmica. Também deverá ter percebido que o problema afeta sua própria valorização no mercado de trabalho: empresas de porte e de reputação no mercado mundial não valorizam profissionais que não seguem as regras do jogo.

No caso de trabalhos acadêmicos, a melhor lição deste documento é: o aluno deve buscar valorizar seu capital intelectual, mostrar aos colegas e professores que é inteligente o suficiente para criar algo interessante e útil para a sociedade. Jogar sob as regras do jogo acadêmico é mais do que desejável: é obrigação. É nobre errar dentro das regras do jogo. O problema é tentar trapacear, independente de se ter ou não sucesso na empreitada desonesta.